



ADIMB

**Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro**

Clipping n° 02/2023

**O conteúdo das matérias é de inteira
responsabilidade
dos meios de origem.**

11 de janeiro de 2023

SAVE THE DATE



WORLD CLASS EXPLORATION OPPORTUNITIES

Visit the Brasil Pavilion and enjoy the Brazilian Mining Day!

**March, 5th to 8th
Toronto - Canada**



MARCH 5-8 THE WORLD'S PREMIER
2023 MINERAL EXPLORATION
& MINING CONVENTION



ADIMB
Agency for the Development and
Innovation of the Brazilian Mining Sector

Minério estende rali acima de US\$ 120 com perspectivas melhores

Os futuros de minério de ferro estenderam sua alta em Cingapura para uma máxima de sete meses com o otimismo sobre a demanda na China.

A matéria-prima siderúrgica subiu até 1,9% na quarta-feira, para US\$ 122,30 a tonelada, a cotação mais elevada desde junho. A recuperação de preço desde o início de novembro já supera 55%.

O mercado está cada vez mais confiante de que a reabertura da China aumentará a demanda por aço após um ano volátil em que os preços caíram para uma mínima de vários anos.

Em outro sinal de que o governo chinês está disposto a sustentar o setor imobiliário até que a recuperação fique evidente, o banco central do país e o órgão regulador do setor financeiro pediram aos principais credores que forneçam financiamento vigoroso para ajudar as incorporadoras imobiliárias a reduzirem riscos. Analistas também esperam mais cortes de juros.

A produção de aço deve aumentar após o feriado do Ano Novo Lunar na China, informou a GF Futures em nota. Além disso, com o desmantelamento das restrições contra covid no final do ano passado e a melhora das expectativas macroeconômicas, a demanda por minério de ferro deve se recuperar com mais força em 2023, disse a corretora.



Fonte: Valor Econômico
Data: 11/01/2023

Com menor brilho das commodities, mineração cai 26%

Ex-ministro de Segurança Pública do governo Michel Temer, político e consultor empresarial, o pernambucano Jungmann assumiu o cargo no Ibram em 1º de março do ano passado, com a missão de ampliar a visibilidade do setor e ter maior influência política e institucional. “É um gigante econômico, mas pequeno institucionalmente”, comenta.

Segundo os números que acabam de ser oficializados, a mineração no país fechou o ano com retração de 26,3% no faturamento, que totalizou R\$ 250 bilhões. Em 2021, teve valor recorde de R\$ 339 bilhões. “A desaceleração veio com a menor produção de aço na China decorrente das restrições por causa da política contra covid, o que levou a forte recuo no preço médio do minério de ferro, que responde por 73% da divisa de exportação do setor. Outro fator foi a guerra na Ucrânia”, disse o executivo.

Com dois mecanismos financeiros espera-se levantar até R\$ 15 bi para investimentos via bolsa, como no Canadá

O ano de 2021 “foi extraordinário, com aumento no valor dos minerais e metais, em média, de 47%”. Jungmann destaca o papel importante das exportações, que atingiram US\$ 49 bilhões, com peso significativo do minério de ferro. “O Brasil precisa diversificar a produção de bens minerais”, destaca o presidente do Ibram.

Jungmann defende, por exemplo, uma política para minerais considerados estratégicos, como nióbio, tântalo, lítio, grafite, e outros, que poderiam ganhar mais peso no valor da produção. E ainda para os minerais da indústria de fertilizantes (fosfato e potássio), que depende de importação.

Do total faturado em 2022, minério de ferro contribuiu com R\$ 153,5 bilhões, seguido de ouro (R\$ 23,9 bilhões); cobre (R\$ 15,2 bilhões); calcário dolomítico, R\$ 8,55 bilhões; e bauxita, R\$ 5,66 bilhões) - uma concentração de quase 83% desses cinco produtos.

“A mineração brasileira é relevante, pois está entre os quatro ou cinco setores econômicos mais importantes do país”, afirma.

Com a queda no faturamento, a arrecadação da Contribuição Financeira da Extração Mineral (CFEM) também desabou - de R\$ 10,3 bilhões para a casa de R\$ 7 bilhões. Isso puxou para baixo, em 31,8%, a receita de diversos municípios mineradores, principalmente em Minas Gerais e Pará, que são responsáveis por gerar 77% do faturamento total.

Na agenda do Ibram há várias pautas importantes. Uma delas, diz, já teve avanços - a de segurança das populações vizinhas de minas e barragens de rejeitos. O país viveu dois grandes traumas: os rompimentos de Fundão (Mariana) e de Brumadinho, ambas em Minas Gerais. Das 926 barragens existentes no país, só havia, até fim do ano, três em regime de maior atenção, diz. “Houve significativa melhora no campo regulatório e por parte das empresas. Hoje, os relatórios de inspeção são assinados pelos presidentes”.

Na questão do ESG (ações para o meio ambiente, sócia-econômicas e governança) há um acompanhamento da consultoria Falconi de tornar pública a meta para utilização de energia e água e a alocação dos rejeitos gerados até 2030.

Outra frente é o trabalho de defesa da Amazônia e suas populações. A entidade vai promover em agosto, em Belém, a Conferência Internacional Amazônica e Bioeconomia, com pré-conferências em Estados e até países da região. “A floresta em pé traz benefício econômico muito maior”, diz e acrescenta que há alternativas de economia para a região, protegendo florestas e populações.

O Ibram informa que foi contra o projeto de lei 191, de mineração em terras indígenas. Qualquer atividade nessas áreas, em primeiro lugar requer a anuência dos povos originários, com livre consentimento prévio e desde que traga benefícios às populações. Cita o exemplo do Canadá.

Garimpo ilegal

Um problema crítico para o meio ambiente, com destruição de rios e florestas, que afeta a imagem do setor e do país, a atividade garimpeira ilegal do ouro - e já avança em outros minerais - tem sido alvo de combate, mas com uma solução ainda longe de ser obtida. “Nossa posição é radical com o garimpo ilegal. A atividade é crime e caso de polícia”, afirma o presidente do Ibram.

Há várias frentes para cercar a mineração ilegal, reunindo ações de órgãos - do Banco Central, Instituto Ethos e Instituto Ambiental, Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Ministério de Minas e Energia (MME) até a Receita Federal (com adoção da nota fiscal eletrônica). “Nosso foco é a cadeia do ouro, desde a exploração até a comercialização por parte de instituições financeiras (as DTVMs), que respondem por 90% da lavagem de dinheiro do garimpo ilegal”.

Conduzido pelo Ibram, foi feito um pedido de investigação e auditoria das DTVMs e foi criado um comitê joalherias e mineradoras legais na entidade. “Fomos até a Suíça, pois 50% da exportação destinada ao país é de ouro ilegal e fizemos reuniões com o governo, setor privado e ONGs”, destaca o dirigente.

Jungmann ressalva que essas ações requerem, em paralelo, uma política sócio-econômica para as populações do entorno das áreas de exploração, pois elas ficam vulneráveis à atividade ilegal.

Incentivos financeiros

A mineração no Brasil, ressalta o executivo, é carente de mecanismos de apoio financeiros para fomentar o setor. Empresa, como as junior companies, vão à Bolsa de Toronto para listar seus projetos e captar recursos para fazer a exploração de uma reserva descoberta. Não há instrumento financeiros disponíveis na bolsa brasileira: a B3 tem pouco mais de 400 empresas listadas; já a de Toronto tem, somente de mineradoras, 1400 com projetos listados.

No momento, há duas propostas elaboradas no MME - a Letra de Risco Minerário e a Cédula de Direitos Minerários. A segunda visa captar recursos para o desenvolvimento de pesquisas de áreas de mineração, pois o mapeamento dos recursos é muito baixo. Hoje se conhece apenas 4% do território.

Segundo o executivo, avalia-se que podem ser levantados com os dois mecanismos entre R\$ 10 bilhões e R\$ 15 bilhões, por meio de instrumentos de securitização, usando fundos (invest mining), para aproximar o BNDES do setor. “A carteira dos bancos precisa desses mecanismos de alavancagem. Não temos hoje porque o risco existe e porque há desalento no setor financeiro”, comenta.

Licenciamento ambiental

O setor visa também uma solução para a questão dos licenciamentos de novos projetos de minas: ganhar mais velocidade no processo de aprovação das autorizações. Em muitos casos, diz Jungmann, demoram anos e geram perdas de divisas. Ele cita o caso do projeto S11D, da Vale, em Carajá, que durou oito anos.

“Por causa disso, o Brasil perdeu o boom de consumo de minério de ferro da China. A Austrália que acabou ganhando: passou de uma produção de 200 milhões para mais de 700 milhões ao ano, enquanto ficamos parados em 350/400 milhões de toneladas”.

Para o executivo do Ibram é fundamental elaborar um plano de desenvolvimento no país, que tem diversos bens minerais, ao passo que a Europa, por exemplo, já não tem mais.

Visa-se também, com isso, a ampliação das fronteiras de produção. Hoje, três quartos são gerados em Minas Gerais (40%) e Pará (37%). Além de Bahia, Mato Grosso e Goiás, a meta é avançar por outros Estados e regiões do país para se atingir a nacionalização das fontes de produção.

Sanha tributária estadual

O aumento da carga tributária sobre o setor, vinda principalmente de governos estaduais, é uma preocupação. O Ibram cita um estudo da consultoria E&Y, o qual mostra que o setor mineral brasileiro é o mais taxado do mundo e que isso retira competitividade e mercados.

Ultimamente, foi criada uma taxa estadual (Taxa de Fiscalização da Atividade Mineral), cuja arrecadação já supera a da CFEM, em alguns Estados, como Mato Grosso. Outros vão no mesmo caminho. “Não poderia existir, porque se trata de um bem que tem legislação da União”, afirma.

A medida teve o suporte do Superior Tribunal Federal (STF), que acabou definindo os pleitos estaduais e tornando a cobrança constitucional. O Ibram e as mineradoras avaliam se vão contestar as medidas na Justiça. “Toda essa majoração tributária traz insegurança jurídica para atração de investidores ao setor”, diz.



Fonte: Valor Econômico

Data: 10/01/2023

Preço do ouro pode chegar a US\$ 4 mil a onça, segundo analistas

O ouro pode alcançar o valor de US\$ 4 mil a onça em 2023, segundo a opinião de alguns analistas, devido a temores de recessão e aumento da demanda pelo metal.

Para o diretor-gerente e diretor de investimentos da Swiss Asia Capital, Juerg Kiener, citando um analista, em algum momento do ano o ouro pode se situar entre US\$ 2.500 e US\$ 4.000 a onça. “Não é só a China, mas todo o oriente que vem acumulando metais preciosos. Todos os bancos centrais estão acumulando metais preciosos”, disse ele, para justificar o aumento da demanda, acrescentando que a troca por ouro físico está apertada: “Onde quer que você olhe, quase não há ouro físico disponível e se olharmos para o lado da entrega, veremos que o prazo é de dois a três meses. Quando o mercado está apertado, as posições pendentes estão sob pressão, então as posições de curto prazo no mercado são enormes – não se precisa de muito para movimentar esse mercado.”

Nikhil Kamath, co-fundador da maior corretora da Índia, Zerodha, aconselhou os investidores a reservar até 20% de sua carteira para ouro. “O ouro também tem sido tradicionalmente inversamente proporcional à inflação e tem sido uma boa proteção contra a inflação”, disse Kamath à CNBC. “Se você olhar para quanto ouro precisa para comprar uma casa média nos anos 1970, provavelmente você verá que precisa da mesma ou menor quantidade de ouro hoje do que nos anos 1970, 1980 ou 1990”. Ele também afirmou que o ciclo de alta de juros deve continuar e que os juros subirão além da inflação, para justificar a alocação de 10 a 20% em ouro no portfólio.

A Fitch Solutions, por sua vez, espera que o ouro seja uma das poucas commodities a ter preços médios mais altos em 2023, numa cesta de 19 commodities que terão preços mais baixos este ano. A previsão da empresa é que o preço médio do ouro fique em US\$ 1.850/onça em 2023, portanto acima dos US\$ 1.800/onça em 2022.

“Embora os preços do ouro continuem a ser ditados por forças econômicas concorrentes, uma vez que uma miríade de riscos envolve a economia global, acreditamos que a influência dessas questões está agora voltada para o lado positivo”, disse a Fitch em um relatório recente.

De acordo com o World Gold Council, o ouro estava sendo negociado a US\$ 1.856,6/oz em 3 de janeiro, significativamente acima dos preços de outubro de 2022, quando o metal precioso caiu abaixo de US\$ 1.650/oz.

Fonte: Brasil Mineral
Data: 06/01/2023

Mato Grosso do Sul deve atrair R\$ 5 bilhões em dois anos

O estado do Mato Grosso do Sul passa por um boom de investimentos, segundo Jaime Verruck, titular da Semadesc (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação), que substitui a antiga Semagro. Conforme o secretário, a previsão é que os investimentos no estado alcancem R\$ 5 bilhões no biênio 2023/2024, particularmente no setor mineral. “A extração e produção do minério de ferro e manganês terá uma parcela significativa destes recursos, primeiro devido à grande demanda em todo o mundo e segundo por termos a terceira maior região ferrífera do Brasil, depois de Carajás, no Pará, e do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. Estes minerais (ferro e manganês) extraídos do Maciço da Reserva de Urucum são de altíssimo teor, e este tipo de minério é muito disputado pelos países importadores”, acrescenta.

Verruck informou que Mato Grosso do Sul elevou em sete vezes a exportação de minério de ferro e de manganês nos últimos cinco anos, quando o valor exportado saltou de US\$ 250 milhões, em 2018 (US\$ 160 milhões de minério de ferro e US\$ 90 milhões de manganês), para US\$ 1,3 bilhão até novembro de 2022, sendo US\$ 1,1 bilhão de minério de ferro e US\$ 200 milhões de minério de manganês. “A recuperação do setor começou em janeiro de 2018. Tivemos um crescimento acima da média na exportação de minério, quase sete vezes a mais”, comenta o secretário. Ele acrescentou que a mineração é de suma importância para o Estado e para os municípios produtores, no desenvolvimento sustentável e na geração de empregos.

Já o secretário Executivo da Mineração na Semadesc, Eduardo Pereira, lembra que Mato Grosso do Sul possui 214 empresas ligadas ao extrativismo mineral, distribuídas por diversos municípios, sendo o Polo Mineiro Ferro-Manganês de Corumbá e Ladário o principal, seguido por Bela Vista, Bodoquena, Miranda e Bonito, na produção de calcários calcíticos e dolomíticos.

Ele acrescentou que, do total das exportações minerais do estado, 81,77% correspondem ao minério de ferro e 16,61% de manganês. E informou que o setor gera mais de 4,3 mil empregos. Em 2022, o estado ocupou o sétimo lugar no valor da produção mineral no País, com um total de R\$ 3,05 bilhões, além de se destacar na arrecadação de CFEM (Contribuição Financeira pela Exploração Mineral), com R\$ 83,1 milhões.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 05/01/2023

Desafios e Perspectivas do Setor Mineral

Geopolítica e as mudanças nas cadeias globais de valor no âmbito de um processo de descarbonização da economia perpassam necessariamente pela mineração e podem representar uma oportunidade

A economia mundial sofreu e ainda sofre impactos significativos decorrentes da pandemia e da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, com reflexos na oferta e na demanda de recursos minerais.

No cenário nacional, o momento político reforça antigos desafios e traz novas perspectivas para a economia brasileira e para a indústria mineral.

Os discursos do novo Presidente e dos titulares dos ministérios, na primeira semana de 2023, trazem propostas que apontam alguns caminhos que serão percorridos pelas políticas públicas nos próximos anos, com destaque para:

- Combate à desigualdade social;
- Promoção da participação social, da diversidade e dos direitos humanos;
- Promoção da sustentabilidade e da economia verde, com a criação da secretaria Nacional de Mudança do Clima no âmbito do Ministério do Meio Ambiente - MMA, da secretaria de transição energética no âmbito do Ministério de Minas e Energia - MME e da secretaria de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria no âmbito do Ministério de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços - MDIC; e
- Industrialização, com criação do Conselho Nacional do Desenvolvimento Industrial.

A mineração é um dos poucos setores que podem contribuir de forma expressiva para o conjunto dessas políticas, considerando seu potencial de geração de emprego de qualidade e de renda, propiciando o desenvolvimento social e econômico das regiões interiores do país.

Outra grande contribuição da mineração é a promoção do desenvolvimento sustentável, por meio da preservação ambiental de grandes áreas, como a Floresta Nacional de Carajás, o fornecimento de recursos minerais demandados pelas novas tecnologias necessárias para a transição energética no contexto da economia de baixo carbono, investimentos em projetos de eficiência energética e geração de energia limpa, além da promoção de ações efetivas de gênero e diversidade, tão defendidas pelas empresas do setor mineral e contempladas na agenda ESG.

Assim, a capacidade de resposta do setor mineral às demandas da sociedade nacional ou internacional são potencialmente positivas.

Por outro lado, desafios relacionados à imagem do setor persistem, principalmente em razão do profundo equívoco na compreensão de relevantes temas da mineração.

Um caso emblemático foi a tentativa, em 2017, de extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados – RENCA, visando a atração de investimentos privados para o desenvolvimento da pesquisa mineral da região, delimitada em 1984, como uma reserva para exploração de recursos minerais por meio do controle estatal, no entanto, a proposta de abertura foi duramente criticada e equivocadamente interpretada como uma política para extinguir uma unidade de conservação ambiental.

Outro exemplo, foi o Decreto nº 10.966, de 11 de fevereiro de 2022, que instituiu o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala e a Comissão Interministerial para o Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala – MAPE, que apesar de prever um olhar multidisciplinar e interministerial para a questão, foi criticado e interpretado como um incentivo ao garimpo em terras indígenas, o que provocou sua recente revogação.

Tais episódios mostram a importância da participação do setor na construção e proposição não apenas da política mineral, mas de uma agenda perene e sólida pautada no desenvolvimento sustentável, de acordo com as melhores práticas internacionais, reduzindo os riscos de choques ou equívocos com agendas governamentais e anseios da sociedade.

Por fim, a geopolítica e as mudanças nas cadeias globais de valor no âmbito de um processo de descarbonização da economia perpassam necessariamente pela mineração e podem representar uma oportunidade para a atração de investimentos, confirmando o papel da mineração para a cobiçada reconstrução nacional, por meio da geração de emprego, industrialização e desenvolvimento social, econômico e ambiental.

Frederico Bedran Oliveira
Sócio do Caputo, Bastos e Serra Advogados



Alcoa Poços de Caldas (MG) bate recorde na produção de pó de alumínio

A Fábrica de pó de alumínio da Alcoa Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, bateu recorde de produção no ano de 2022. De acordo com o gerente de Refusão e Fábrica de Pó de Alumínio, Evandro Tavares Jr., esse resultado foi conquistado graças ao empenho de todo o time, que inclui a área comercial, operacional e manutenção.

“Juntos, conseguimos superar todos os desafios e o plano de 2022, além de atender à demanda de nossos clientes do mercado doméstico e de nossa exportação para os Estados Unidos e Japão”, disse Tavares Jr.

A Fábrica de Alumínio de Poços de Caldas é a única da Alcoa no mundo e entrou em operação há 40 anos. Atualmente, uma boa parte da produção vai para a indústria do nióbio, sobretudo para a produção de ligas de nióbio metálico e de grau vácuo, usadas em aplicações de alta tecnologia, como trens de alta velocidade, tomógrafos, próteses, turbinas de aviões, entre outros.

Além disso, a Alcoa fornece pó de alumínio para a produção de tintas metálicas para a indústria automotiva, cerâmicas e diversos outros materiais utilizados pela indústria do aço, construção civil e petróleo e gás. Atualmente, a empresa exporta para o Japão e os Estados Unidos.

“Uma das características que mantém a nossa planta de pó de alumínio sempre moderna é o investimento no desenvolvimento de novos produtos”, conta Jean Yamamoto, gerente Técnico e Comercial. “Foi assim no final da década de 90, quando a fábrica passou por uma reestruturação para a produção de pó superfino, uma das poucas plantas do mundo com essa condição técnica, e ao longo dos anos vem inovando para continuar atendendo às novas necessidades dos nossos clientes. Este ano, desenvolvemos um novo produto, um pó superfino para um cliente da indústria automotiva do Japão”.

Para os próximos anos, a Alcoa tem como meta avançar na produção de produtos sustentáveis. Segundo Fabio Martins, diretor de Operações da Alcoa Poços de Caldas, no momento, estamos em fase de desenvolvimento do pó de alumínio verde, com baixa pegada de carbono e que inicialmente deverá atender o mercado japonês.

“Este será mais um marco importante, que somado à nossa certificação ASI (Aluminium Stewardship Initiative), contribuirá para a meta da Alcoa Global de zerar emissões líquidas de gases de efeito estufa (GEE) até 2050 em todas as suas operações e para continuarmos transformando potencial em progresso verdadeiro”, finaliza.

Fonte: Minera Brasil

Data: 09/01/2023

Sigma Lithium iniciou comissionamento da planta de britagem que deverá terminar até fevereiro

A Sigma Lithium comissionou com sucesso o primeiro módulo da planta de produção da Fase 1 (Greentech Plant), dentro do cronograma e orçamento. O comissionamento do circuito de britagem (módulo seco) começou em dezembro com todos os testes concluídos com sucesso e está previsto para ser finalizado até fevereiro de 2023.

Segundo a empresa, o comissionamento do circuito de separação, o módulo úmido está previsto para iniciar em fevereiro de 2023 e espera-se que seja concluído até abril de 2023.

A Sigma Lithium continua com a expectativa de iniciar a produção comercial em abril de 2023. A empresa também comissionou o sistema que vai bombear água do Rio Jequitinhonha 6km à estação de tratamento de esgoto para limpar a água de seus resíduos fecais sólidos, tornando-a apta para a Planta Greentech.

A mineradora espera começar a gerar fluxo de caixa livre no segundo trimestre de 2023, produzindo concentrado de lítio de grau ambiental e socialmente sustentável. Ela tem conduzido um trabalho de exploração contínuo com o objetivo de aumentar ainda mais os recursos minerais, focando-se no delineamento de uma jazida que compreenderá uma Fase 4, prevista para ser maior que 20Mt, com a atualização da estimativa de recursos prevista para ser concluída em 2023.

O Projeto Grota do Cirilo, 100% de propriedade da Lithium deverá ter a mais alta qualidade de depósitos minerais de rocha nas Américas e um dos maiores do mundo.



G Mining pode ofertar até C\$ 500 milhões em ações

A companhia irá fazer oferta para ter maior flexibilidade financeira daqui pra frente.

A G Mining Ventures Corp. arquivou um prospecto preliminar junto aos reguladores de valores mobiliários em cada província e território do Canadá que permitirá à empresa e/ou detentores de valores mobiliários vendedores realizar ofertas de ações ordinárias, ações preferenciais, subscrição recibos, warrants, títulos de dívida, unidades ou qualquer combinação dos mesmos até um valor máximo de C\$ 500 milhões durante o período de 25 meses durante o qual a oferta estará em vigor.

A companhia arquivou este prospecto para ter maior flexibilidade financeira daqui pra frente, mas não tem planos imediatos de emitir quaisquer valores mobiliários atualmente e pode nunca prosseguir com tal emissão. Caso a G Mining e/ou os detentores de valores mobiliários vendedores decidam oferecer valores mobiliários durante o período de vigência de 25 meses, os termos específicos, incluindo o uso dos recursos, serão estabelecidos em um suplemento de prospecto que será arquivado com as autoridades reguladoras de valores mobiliários canadenses aplicáveis.



Fonte: Brasil Mineral

Data: 11/01/2023

Exportações caem 27,5% em 2022

Segundo dados do Ministério da Economia, Secex, as exportações de sucata ferrosa somaram 21.553 toneladas em dezembro de 2022, uma queda de 60% na comparação com o mesmo mês do ano anterior (54.170 toneladas). As vendas externas totais do último ano alcançaram 369.305 toneladas, 27,5% a menos quando comparadas às 509.355 toneladas no mesmo período de 2021. As exportações foram afetadas pela fragilidade dos negócios no exterior em função da guerra na Ucrânia, paralisação de usinas, portos e redução das compras pelos países asiáticos.

As vendas externas apresentaram instabilidade e forte declínio em alguns meses no ano de 2022, e a demanda fraca no mercado interno também não ajudou as empresas que comercializam a sucata ferrosa. “A crise de energia na Europa, provocada pela guerra na Ucrânia, foi determinante para reduzir as exportações. Para agravar o quadro, também no Brasil a demanda e preços da sucata se mantiveram em baixa quase o ano todo”, disse Clineu Alvarenga, presidente do Instituto Nacional da Reciclagem (Inesfa). Para a agência americana S&P Global Platts, a expectativa é que os preços melhorem a partir da terceira semana de janeiro. “Nossa estratégia de estocagem de material continua, disse um reciclador”.

Em 1º de janeiro, o governo Lula anunciou a revogação e revisão do programa Recicla+, instituído na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro. O programa consistia em um Certificado de Crédito de Reciclagem destinado à geração de notas fiscais de venda de recicláveis junto a entidades gestoras, que emitiam o crédito após verificação de lastro fiscal e material. O programa, antes conhecido como Pró-Catador (no governo anterior de Lula), visava o desenvolvimento social e profissional dos catadores. A revogação do decreto ocorreu após conversas de Lula com os catadores na ExpoCatadores, em dezembro de 2022, promovida pela Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (Ancat), entre outras representações da classe dos catadores. A iniciativa de revisão da política foi vista como positiva pelo setor, já que o Recicla+ “foi formulado após ouvir apenas um lado, as indústrias”.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 11/01/2023

Startup's satellite technology could change weather forecasting for mining

Tomorrow.io, a Boston-based climate and weather intelligence company has been making news headlines with its technology and is partnering with miners to schedule blasting operations, monitor routes and highways and put protocols in place to protect workers from extreme weather, based on its forecasts.

For the past 40-50 years companies that once comprised the private weather industry would repackage data from the US National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA) and its predecessor agencies to sell it. NOAA is a public data model which was not built for regional forecasts or mass alerts and does not cover remote locations well.

Its data, by the time it reaches people, is already three days old.

Tomorrow.io said its technology can refresh data every three hours and plans to launch 30 satellites equipped with meteorological radar that can monitor ocean activity many weather stations aren't able to decipher until it hits the coast.

Last month, the six-year-old company was named a leader among climate risk analytics providers. It has raised \$260 million and has a team of over 40 data scientists. Its three founders met in the Israeli air force.

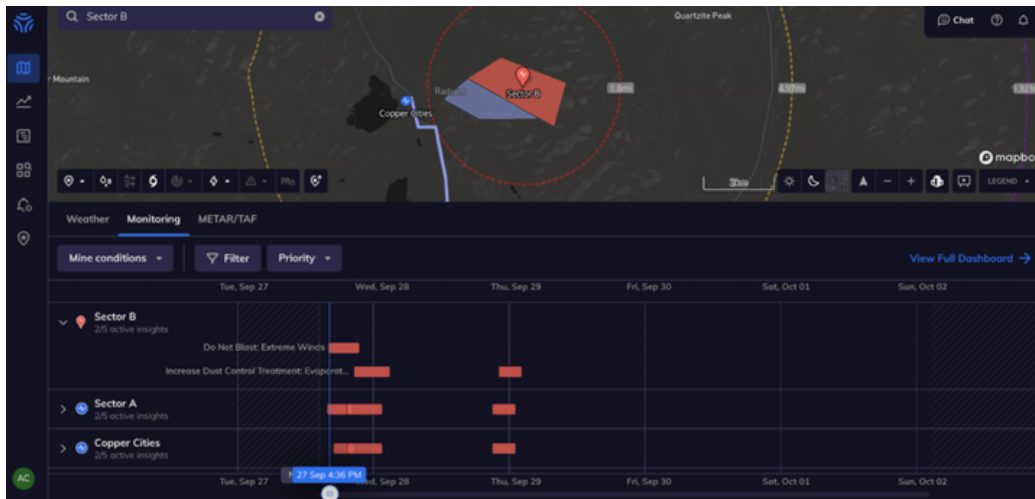
Rei Goffer, co-founder and its chief strategy officer, recalls piloting an F-16 with a "super generic" one-page report listing winds and cloud patterns, without any specifics for his route or aircraft.

"It's a little more technical than what you'd see on TV," he told Bloomberg. "That's the state of the art in weather." The veterans formed their company to tailor forecasts for specific industries that depend on predictable weather, such as airlines and sports leagues. Tomorrow.io aggregates existing data—from weather stations and sensors slapped on buoys and balloons—and mixes in other signals it collects from cell towers and car windshield wipers, an approach the company calls the "weather of things."

It has built its own proprietary network of weather forecasting technology, satellites equipped with radar, for a fraction of the cost of a regular satellite and about the size of a mini-fridge.

This year, it will deploy two more satellites adding to the one already in space. It is collaborating with NOAA and the satellites were funded in part by a \$19 million grant from the US Air Force.

"It's a changing of the tides – it's the next generation of climate impact," Dan Slagen, Tomorrow.io's chief marketing officer told MINING.com. "Climate security is the new cyber security."



“We’ll be the only company in the world with that, and additionally the only company that is able to really look in depth at remote parts of the world such as South America, Australia and Africa. Right now we basically don’t have access to real time weather forecasting over the oceans.”

“We’ve been able to basically translate weather data into weather insights,” Slagen said.

“We work with mining companies to identify specific job use cases that are impacted by weather and how to get around them so they are not impacted anymore,” Slagen said. “It’s a changing of tides – the next generation of climate impact.”

Monica Leal, director of mining sales said the technology signals a new generation of sustainable mining.

“Weather costs this industry millions – we need to have better systems in place,” she said.

“Companies are trying to reach sustainability goals by 2030 or 2050, but what can we do in the short term – what can we do now to decrease risk and to increase operational efficiency? This is where we come in.”

Fonte: Mining.com
Data: 06/01/2023

Vale evaluates offers for \$2.5 billion base metals unit

Vale (NYSE: VALE), the world's second largest iron ore miner and top nickel producer, has shortlisted suitors for 10% of its base metals business estimated to be worth nearly \$2.5 billion.

The Brazilian miner, which last year hired advisers to assess options for the unit, told the Financial Times that top bidders included carmakers, state investors and pension funds.

The stake sale is part of Vale's decision to separate its iron ore operation from its copper, nickel and platinum assets, into a new firm named Vale Base Metals that will be based in the UK, according to Brazilian media.

The spin-off, yet to be approved by the board, would have independent governance and a board that includes deep underground mining and electric-vehicle specialists.

Vale Base Metals would have nickel mines in Canada and Indonesia, copper mines in Brazil, and interests in cobalt and platinum group metals.

"This thing can get even bigger than Vale. Not tomorrow, not even next year — when you look long-term," chief executive Eduardo Bartolomeo told FT.com.

Separating the two sides of the business is key to accessing "competitive" capital needed for an estimated \$20 billion of base metal investments, Bartolomeo said in December.

The plan has been on Vale's cards for years as most nickel and copper assets the company has were acquired via the \$17 billion acquisition of Canada's Inco, in 2006.



New copper-based coating allows protective gear to detect toxic gases

Researchers at Dartmouth College have developed a durable copper-based coating that can be precisely integrated into fabric to create responsive and reusable materials such as protective equipment, environmental sensors, and smart filters.

The solution can be a game-changer when it comes to the safety of workers in extractive and other industries because it responds to the presence of toxic gases in the air by converting them into less toxic substances that become trapped in the fabric.

In a paper published in the Journal of the American Chemical Society, the scientists explain that their recent findings build on a conductive metal-organic technology, or framework, they started working on back in 2017. The framework was a simple coating that could be layered onto cotton and polyester to create smart fabrics the researchers named SOFT—Self-Organized Framework on Textiles.

At the time, they were able to demonstrate that SOFT smart fabrics could detect and capture toxic substances in the surrounding environment.

For the newest study, the researchers found that—instead of the simple coating reported in 2017—they can precisely embed the framework into fabrics using a copper precursor that allows them to create specific patterns and more effectively fill in the tiny gaps and holes between threads.

The group noted that the framework technology effectively converted the toxin nitric oxide into nitrite and nitrate, and transformed the poisonous, flammable gas hydrogen sulphide into copper sulphide. They also reported that the framework's ability to capture and convert toxic materials withstood wear and tear, as well as standard washing.

"This new method of deposition means that the electronic textiles could potentially interface with a broader range of systems because they're so robust," the study's corresponding author Katherine Mirica said in a media statement. "This technological advance paves the way for other applications of the framework's combined filtration and sensing abilities that could be valuable in biomedical settings and environmental remediation."

The technique could also be a low-cost alternative to technologies that are cost-prohibitive and limited in where they can be deployed by needing an energy source, or—such as catalytic converters in automobiles—rare metals.

"Here we're relying on an earth-abundant matter to detoxify toxic chemicals, and we're doing it without any input of outside energy, so we don't need high temperature or electric current to achieve that function," Mirica said.

According to the scientist, future work will focus on developing new multifunctional framework materials and scaling up the process of embedding the metal-organic coatings into fabric.

Fonte: Mining.com

Data: 11/01/2023



Europe needs to invest over €300 billion in the next two years to reach climate goals — study

Europe needs to invest €302 billion annually to build relevant infrastructure over the next two years if it wants to reach its goals of becoming climate neutral by 2050 and reducing greenhouse gas emissions to net zero, a new study has shown.

According to the paper published in the journal Nature Climate Change, major investments in power generation from renewable energies, electricity grids, storage devices and other infrastructure are urgently required across the EU and neighbouring countries.

To reach this conclusion, the authors of the study built on 56 relevant technology and investment studies from academia, industry and the public sector. They focused on the countries in the EU but also took into account data on the UK, Norway and Switzerland. In their view, the most dramatic increase in the need for investment is in power generation from renewable energies.

“In order to drive forward the decarbonization of all areas of life, around 75 billion euros need to be invested in solar and wind power plants in the coming years. This is 24 billion euros more per year than in the recent past,” Bjarne Steffen, a professor at the Swiss Federal Institute of Technology in Zürich and co-author of the study, said in a media statement.

The situation is similar when it comes to the expansion of distribution networks and railways. In these areas, too, 40% to 60% additional financial flows are required compared to the 2016–2020 period to expand electrification and shift traffic from road to rail.

Steffen and his co-author Lena Klaußen also noted that the war in Ukraine is reinforcing these trends further.

“To import as little gas as possible from Russia, Europe would have to invest around 10 billion euros more per year in solar energy and wind power. In comparison, significantly less investment—around 1.5 billion euros per year—is needed in additional natural gas infrastructure such as LNG terminals,” Steffen said.

According to the paper, fossil fuels such as coal, oil and gas are likely to tie up less capital in the future in Europe. The investment required in conventional power plants in particular is set to fall by 70% within the space of a few years.

New policies

Klaaßen pointed out that the money to make such big investments is readily available in Europe — given the size of the continent's equity and bond markets. The main challenge, however, is to put the necessary political policies in place quickly enough to ensure that capital flows into the right projects.

“Political measures should be tailored to funding in those sectors where there is the greatest need for investment,” she explained. “For example, existing regulations in the EU focus on identifying sustainable securities, despite the fact that important climate-relevant infrastructure is not at all financed via the equity markets.”

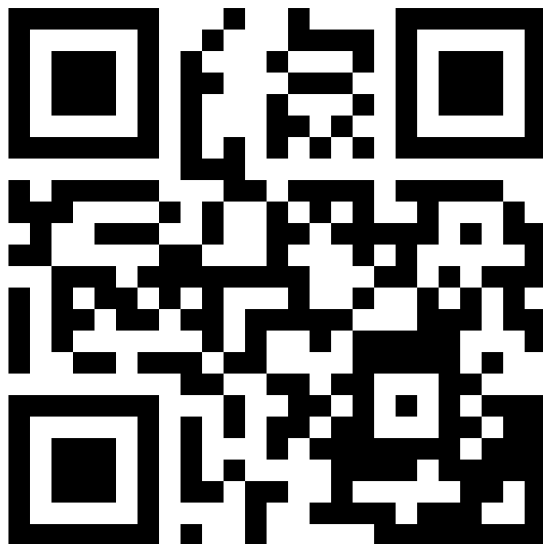
The researcher mentioned that the expansion of renewable energies, in contrast, is often made possible by private investors such as pension funds and banks. Yet, the data show that the public sector could minimize its risk through revenue warranties and by making approval procedures as quick and predictable as possible.



Fonte: Mining.com

Data:10/01/2023

Nossos Contatos



contato@adimb.org.br



(61) 3326-0759



/company/adimb-oficial



adimb_oficial

Sede

Centro Empresarial Liberty
Mall Torre A, Sala 505
SCN Q.02 Bloco D
CEP : 70712903
Brasília/DF



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro